

SENHORAS DA TERRA: A MORTE E A GUERRA PELO OLHAR DAS POETAS PALESTINAS

Data de submissão: 10/09/2024

Data de aceite: 01/10/2024

Raísa Almeida Feitosa

Mestranda em Linguagens e Letramentos
pelo PROFLETRAS-UFPE

O pó da terra vem de longe,
vem das profundezas da Palestina
para tocar meu rosto, e eu choro...

Fatima Ahmad (2022)¹

11 “ENTRE UM MAR BLOQUEADO E DUAS FRONTEIRAS HOSTIS”²

Tenho a face molhada de vertigens,
dentro do olho flutua um oceano, que nasce
e morre em silêncio. Essa é a sensação
que os poemas dos palestinos suscitam,
misto de incredulidade, revolta e profunda
solidariedade. O lirismo de seus versos
está transpassado pelo espaço-tempo no
qual se situam os autores, que vencem a
incomunicabilidade da experiência poética
em face da urgência: dizer é estar vivo.
Aponta Paz (1982) que a imagem poética

é uma reconciliação da pessoa consigo
mesma. No caso dos palestinos, a nação
torna-se essa imagem que transcende a
mera representação e as individualidades
que a evocam, é uma abundância de vozes
unificadas em um só *clamor* – palavra
acionada em todas as suas acepções: grito
de protesto; súplica; procissão de fiéis que
rezam juntos em voz alta.

Neste ensaio, objetiva-se comentar
poemas de autoras palestinas distantes
no tempo, porém próximas na *dor*,
transmutada em matéria-prima da criação
poética. Os primeiros poemas a serem
analisados são de autoria de Fadwa Tuqan
e Randa Hamawi, ambos estão disponíveis
na obra “Lamentos dos oprimidos”
(1971). Os dois outros, das autoras Amal
Abuqamar e Muna Almassdar, foram
publicados na obra “Gaza, terra da poesia”
(2022). O tempo entre a publicação dos
dois livros não distancia os textos de
modo algum, infelizmente, as conjunturas
em que nasceram é da mesma natureza:

¹ Poeta nascida na cidade de Gaza (“o rosto da Palestina que não envelhece”). Trad.: Maria Carolina Gonçalves.

² Descrição da Faixa de Gaza disponível na apresentação do livro “Gaza, terra da poesia”, pela editora Tabla. Disponível em: <https://editoratabla.com.br/apresentacoes/gaza-terra-da-poesia/>. Acesso em: 16/01/2024.

insuportável, dada a iniquidade do ser humano em sua busca por poder e dominação. A escolha das obras, e com esse intervalo entre elas, visa demonstrar que já estava em curso o assassinato de pessoas e a invasão de terras palestinas antes da resposta israelense ao ataque do Hamas no dia 08 de outubro de 2023 contra participantes de uma *rave*. É importante conhecer, ainda que minimamente, os fatos ocorridos após o fim da Segunda Guerra Mundial que desencadearam a ocupação da Palestina e a imposição de uma condição de subalternidade aos árabes da região.

Os judeus foram vítimas de um extermínio pelos alemães nazistas, os quais, como se sabe, eram guiados por um ideal de raça superior. Contraditoriamente, findo o holocausto, descobertos os campos de concentração e todo o terror vivido pelos prisioneiros, é dado aos judeus um território em terra já habitada por cidadãos que foram desconsiderados na intenção da ONU de reparar as vítimas do nazismo (ainda hoje o Estado da Palestina não é reconhecido pela entidade, foi declarado como “Estado observador não membro” em 2012³). Como denuncia Jubran, poeta palestino: “Ai, almas dos que morreram/ Nos presídios nazistas!.../ Se soubésseis vós!.../ Se soubésseis!...” (1971, p. 78).

As obras “Lamentos dos Oprimidos” (1971) e “Gaza, a terra da poesia” (2022) trazem textos-testemunhos que dissolvem a ideia hegemônica de humanidade, lançando luz sobre suas contradições e denunciando o *sofrimento humano injusto*⁴ – quais pessoas, de que lugares, etnias e estratos sociais, são protegidas efetivamente pela ONU e por documentos como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada em 1948? Diante do exposto, considero importante falar brevemente dos contextos em que dois os livros foram lançados, os quais são indissociáveis da atual situação enfrentada pelos palestinos ante a beligerância e intransigência do estado de Israel.⁵

Ambas as publicações são reverberações da luta do povo palestino. A Missão da Liga dos Estados Árabes foi responsável pela curadoria e lançamento da obra “Lamentos dos Oprimidos” (1971), movida pela intenção de esclarecer o público brasileiro a respeito do problema. Challita (1971, p. 9), prefaciador e Ministro Plenipotenciário da LEA no Brasil à época, chama atenção para o fato de que o livro “não se trata apenas de lamentos”, pois “há também revolta, a decisão de resistir, a determinação de lutar”, há esperança. Dr. Henrique Adri, que apresenta o livro, comenta que a literatura palestina era até então desconhecida pelos brasileiros e que a produção dos poemas selecionados foi feita sob constante ameaça e vigilância, caracterizando-a, portanto, como uma “poesia da resistência” (1971, p. 11).

Fruto da mesma verve, a antologia “Gaza, terra da poesia” (2022) representa “vida úmida na faixa seca dos oprimidos” (Sleiman; Jubran, 2022, p. 7) e, como esclarece Michel

3 Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cw4d3940g8do>. Acesso em: 16/01/2024.

4 Expressão do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos no seu texto “Se Deus fosse um ativista dos Direitos Humanos” (2013).

5 Verificar a notícia publicada nos últimos dias de 2023 a respeito da declaração do premiê de Israel, Netanyahu, acerca da previsão de continuidade da guerra por vários meses “até uma vitória israelense”: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/12/30/premie-de-israel-diz-que-guerra-contra-hamas-vai-continuar-por-muitos-meses.ghtml>. Acesso em: 15/01/2024.

Sleiman, coordenador da equipe de tradução, e Safa Jubran, tradutora convidada a unir forças com o Grupo de Tradução da Poesia Árabe Contemporânea (GTPAC-USP), o livro não trata de esperança, “é a própria esperança”. Os leitores brasileiros são apresentados às vozes da nova geração de poetas da Palestina, residentes da Faixa de Gaza, onde nasceram e onde (r)existem, refugiados na própria terra – sob ataque há mais de meio século.

2 | POESIA É POLÍTICA

Uma harpa que toca a si mesma: o sujeito biográfico se “suicida” para se tornar eu lírico, como sugere o poema “O Milagre”, de Nauro Machado⁶. Contudo, se o texto poético surge ante circunstâncias concretas de extrema violência e privação, o sujeito biográfico, nesse caso, pode entrincheirar-se em sua criação, sobrevivendo através do eu lírico; este, reintegrado à continuidade perdida⁷, aquele, movido pelo seu direito de permanecer no plano descontínuo, isto é, vivo.

Em meio à pobreza, à guerra, a um genocídio e um domicídio⁸, poesia para quê? Siscar (2010, p. 32) dispõe que “o sentimento de crise deve ser reconhecido como um traço característico, de natureza ética, da constituição do discurso literário moderno.” Assim, as poéticas que emergem do estado de coisas exposto na pergunta que abre o parágrafo estarão, de algum modo, tocadas por ele.

Lukács (2000, pp. 119-120) propõe que a subjetividade lírica colhe fragmentos do caos circundante e os une interiormente. Compreendo, a partir de Andrade (2023), que as imagens urdidas, mesmo trágicas, contém o erotismo que afasta o poeta (e o leitor) de seu isolamento e os reúne na eternidade possível que a experiência estética engendra. Isso porque, o erotismo, segundo Andrade⁹ (2023, p. 152), suscita uma “emoção criadora de um instantâneo de enlevo que transporta o leitor para fora dos limites de seu ‘eu’ singular, imergindo-o num misto de prazer universal.” Logo, se por um lado, o poema pode “gritar” o sofrimento humano injusto, por outro, ao ser lido, permite ao ser humano reencontrar a totalidade da qual faz parte.

A poesia, devido à sua capacidade de desestabilizar os imaginários compartilhados socialmente e, dessa forma, descentrar os sujeitos, fazendo-os enfrentar o sempre (nunca) visto, potencialmente cria uma zona de confronto intersubjetivo. Logo, é eminentemente política. Nesse sentido, os palestinos, cuja “[...] paciência é imensa/ maior ainda que o

6 “Muitos parece que estão por dentro/ como os olhos de Lúcifer nas trevas./ No entanto o Espírito do Homem sopra/ a folhagem verde do amanhecer:/ nós nos suicidamos mas seremos/ perdoados, nós nos suicidamos/ para resistir às fúrias do inferno.”

7 No sentido de Georges Bataille, interpretado por Janiilo Andrade (2023).

8 Termo utilizado na cobertura midiática dos ataques de Israel contra a Faixa de Gaza, significa “destruição deliberada programada de casas e lares”. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/aberturas/domicidio-enantiossema-dorama-blogodesenvolvido-e-o-portugues-em-macau/2842>. Acessado em: 15/01/2024.

9 Em consonância com o conceito proposto por Octávio Paz, a saber: erótica verbal, segundo a qual todo poema é erótico.

espaço” (Zayyad, 1971, p. 74), criam uma ética própria com sua poética de resistência e esperança. Segundo o Dr. Henrique Adri, na Palestina pós-1948, “As produções literárias nunca eram passadas para papel. Permaneciam na mente de seus autores, que as transmitiam, oralmente, aos seus compatriotas. Qualquer transcrição poderia culminar em condenação fatal (...)” (1971, p. 14).

Poemas serem políticos não implica dizer que são panfletários, mesmo os poemas deliberadamente de protesto não devem ser adjetivados dessa forma *a priori*. A imagem poética da Palestina, criada pelos autores nativos nas circunstâncias já delineadas, por exemplo, não se desvanecerá quando os palestinos, por fim, conseguirem assegurar seu direito de existir. Defendo que o país, referenciado em vários poemas das coletâneas mencionadas, não é apenas uma imagem-representação, pois foi alçado à dimensão transcendente da poesia.

Tendo em vista a lógica mercadológica que invade os âmbitos da vida cotidiana, interessa dizer que a experiência de leitura das obras em discussão contradiz o paradigma neoliberal, subverte-o. Siscar (2010, p. 38) questiona se é possível contrapor-se, hoje em dia, a uma “fruição consumista, hedonista e destruidora”, também se é possível assegurar lugar para “aquilo que não tem espaço nos padrões de veiculação ou de atribuição de prestígio cultural”. A poeta Almassdar (2022, p. 18) traz perguntas que são também respostas a essas indagações: “Quem apaga a guerra dentro de mim/ e me empresta um pouco de esquecimento? [...] Alguém aqui corajoso o bastante/ para almadichoar a guerra escondida em nosso pão?”

Em certas circunstâncias, existir por si só pode ser uma afronta. Nesse contexto, a literatura e a arte permitem-nos pensar a partir do Outro, tornando-nos diferentes de quem éramos antes da leitura, um “alterleitor” (Xypas, 2018). A poesia cria ambiências afetivas que podem alterar nossos esquemas cognitivos: o que se supõe saber entra em suspensão para devir-desconhecido. Vale ressaltar, a poesia não se reduz ao gênero poema, é uma atividade intrinsecamente humana, “um exercício espiritual” (Paz, 1982, p. 21). Como diz o cineasta russo Tarkovski (2010, p. 18), “[...] é uma consciência do mundo, uma forma específica de relacionamento com a realidade.” Compreendo-a como insubmissão ante o modo de ver que a família, a escola, a mídia e outras instâncias sociais nos ensinam. Nesse sentido, Carlos Felipe Moisés assevera: “toda poesia genuína [...] é subversiva.” (2019, p. 29)

No caso das autoras cujos poemas serão comentados, a poesia é também dirigir-se à morte, como expresso neste título: “Para a morte. Quando a morte virou símbolo nesta cidade?” Esse poema de Abuqamar (2022, p. 15) a traduz assim: “A morte aqui é a luta,/ luta entre as coisas esvaziadas de sua realidade/ e uma mulher que, como eu, esfrega o corpo com o sal do nada.” Pode-se dizer que suas criações, assim como as dos outros autores de ambas as antologias, dialogam com a visão de Bosi¹⁰ sobre a poesia como “resposta

¹⁰ Entrevista dada à FAPESP em 2003. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/poesia-como-resposta-a->

às ideologias opressivas”, uma vez que ela tem (ou pode ter) “o papel de contradizer a generalidade abusiva das ideologias, em especial das ideologias Dominantes”.

3 I “TUDO AQUI MORRE, TUDO MENOS OS MORTOS.”¹¹

Por que escolher poetisas mulheres? As experiências da invasão e da guerra apresentadas pelos escritores de “Lamentos dos oprimidos” (1971) e “Gaza, terra da poesia” (2022) são dilacerantes, contudo, em alguns casos, chamam para o “homem” o peso do que está acontecendo, ao denunciarem, por exemplo, a usurpação do “[...] direito/ dos homens pacíficos/ que não pecaram.”¹² Diante disso, é relevante abrir espaço para a experiência literária a partir da escrita feminina e vivenciar sob sua ótica a realidade, que elas “reinventam” ao mesmo tempo em que denunciam.

Outra razão para a escolha se deve à intenção de desconstruir o estereótipo¹³ ocidental a respeito da mulher árabe. Vistas como “Criaturas frágeis e oprimidas que desaparecem sob o xador ou a burca”, conforme destacou Sahar Khalifeh, escritora palestina, em conferência realizada na Universidade de Londres em 2015. Representando a intelectualidade árabe feminina, Khalifeh deixou seu manifesto:

Desejo que um leitor ocidental possa sentir o que eu sinto, temer o que eu temo; quero que tenha consciência da dor que seus governantes colonialistas infligem a nossos povos, da dor que infligem a mim. Seus meios de comunicação me transformam em estereótipo, condenam-me, falsificam-me. Quando apresentam uma mulher de burca como a encarnação da mulher árabe, eles subentendem que a escritora que sou, assim como milhares de outras mulheres instruídas e milhões de mulheres árabes modernas – muçulmanas e cristãs – que vivem em países árabes são apenas aquilo: uma sombra cabisbaixa, um corpo sem forma, incapaz de pensar e se expressar. (Khalifeh, 2015)

Essas palavras são importantes para não olharmos os poemas das palestinas a partir de uma lente preconceituosa ou distorcida, mas com respeito e abertura para ouvir suas vozes. Um contraste interessante entre os dois livros é a quantidade de mulheres escritoras em cada um “Lamentos dos Oprimidos”(1971) conta com duas autoras, Fadwa Tuqan e Randa Hamawi, cujos poemas serão comentados a seguir. “Gaza, terra da poesia”(2022) tem a presença de dez escritoras, dentre as quais, Amal Abuqamar e Muna Almassdar, cujos textos foram selecionados para este ensaio. Esse dado parece refletir o discurso de Khalifeh sobre a busca e conquista das mulheres por maior espaço.

Iniciaremos com os poemas de “Lamentos dos Oprimidos” (1971). As autoras presentes na antologia têm lentes geracionais distintas, por um lado, temos a voz de

-opressão/. Acesso em: 17/01/2024.

11 Verso do poema “Para a morte”, por Amal Abuqamar (2022, p. 15), escolhido como título da seção porque evidencia o espírito de resistência das palestinas, algo que une suas criações.

12 Fragmento do verso do poema “O inimigo”, por Tawfic Zayyd (1971, p. 73)

13 Como diz a autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie em seu ensaio “O perigo de uma história única” (2019), o problema do estereótipo é que se trata de uma verdade incompleta.

uma mulher que, à época da publicação, contava quarenta e poucos anos e já possuía um percurso poético que lhe permitiu falar da morte com extrema leveza, do outro, uma adolescente de dezesseis anos cuja voz poética nasce e, ato contínuo, lança-se como amor à terra natal e oferecimento de si para enfrentar aqueles que sequestram a terra e a vida de seu povo.

Borges (2000, p. 24) diz que “[...] qualquer coisa sugerida é bem mais eficaz que qualquer coisa apregoada.”. O poema “Enamorado de sua morte”, de Fadwa Tuqan (1971, p. 135), é feito de sugestões, que o título encaminha para uma alusão maior, Eros e Tânatos estão presentes nessa delicada erotização da morte. Nos primeiros versos, temos: “Deixam-me os sonhos ao sorrir da aurora./ Vejo voar meu pássaro,/ Deixar-me antes do tempo,/ Ir-se-me da mão no remoinho dos ventos/ Desdobrar as asas em seu último estertor./ Empurrar os ventos/ E cair dos mirantes da aurora.” As escolhas lexicais nos comunicam leveza: sonhos; sorrir; aurora; pássaro; ventos; asas. A expressão que contradiz essa sensação é “último estertor”, também o último verso com a imagem da queda. A leveza é realçada pela sonoridade, as assonâncias e aliterações que embalam o verbal ritmicamente. O recurso da repetição de palavras não se deve apenas à musicalidade buscada, a “aurora” que sorri no primeiro verso é, depois, o palco da queda.

Na segunda estrofe, a metáfora do pássaro permanece enigma, contudo, as sugestões vão se aninhando numa possível interpretação: “E as rochas, abrindo-lhes os braços/ como arroyos de seda,/ Recolhem o meu pássaro,/ Que me abandonou antes do tempo/ E as pátrias recobram o seu filho/ Para seu velho coração, ainda vivo. [...]” A personificação, utilizada desde o primeiro verso, é um recurso que integra humano e a natureza, anuncia o retorno do corpo a um corpo maior, que o acolhe. A imagem dos braços do “pássaro” sendo abertos como “arroyos de seda” expressa singeleza e apuro estilístico.

O pássaro vai se revelando em sua possível significação: partiu antes do tempo, empurrou os “ventos” (talvez metáfora para a causa de sua derrocada), “abandonou antes do tempo” quem o amava, retornou às “pátrias”. Antes de propor uma interpretação, vejamos a última estrofe:

Oh, coral com os ramos estendidos/ Para ambos os lados do caminho!/ Estou
enamorado de minha morte/ Ao tempo de minha entrega redentora/ Estou
enamorado de minha morte/ Sob tua sombra submergida.

A mudança para a primeira pessoa do discurso e o canto desse “pássaro” que está “enamorado de sua morte” são reveladores. Como no poema “Eu sabia o que fazer”, de Randa Hamawí, morrer pela Palestina parece ser a demonstração máxima de amor à pátria e tudo que ela representa. Ainda que precoce, ainda que injusta, a morte é ressignificada pelos que a ela se entregam porque se recusaram a entregar sua terra, sua casa, sua dignidade aos “ventos” que tudo devassam, logo, é uma morte “redentora”. Talvez mesmo para uma mãe que perca seu filho nessas circunstâncias... A imagem poética do corpo sob o coral cujos ramos se estendem para todas as direções é cheia de ternura, como um

enlace amoroso. O lirismo aqui é social, é político.

Hamawi (1971. pp. 213-214), por sua vez, é mais direta, e a primeira palavra de seu poema é “PALESTINA...”, grafada dessa forma e acompanhada de reticências, o que, por si só, revela a dramaticidade do “Eu sabia o que fazer”. Embora seja um poema sem camadas metafóricas, entenece pela forma sincera como expressa a tristeza que consome o eu lírico, o qual questiona a si mesmo entre lágrimas e orações: “Mas o que eu podia fazer?”. Revela-se o desejo de luta, o impedimento devido à pouca idade, a realidade convocando à ação: “Vi os corpos estendidos/ Dos homens que eles abateram/ Ouvi tua voz num apelo./ E soube então o que fazer...” Os verbos, até então, estavam conjugados no pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito do modo indicativo e subjuntivo, a partir daí, irrompe o tempo presente do modo indicativo: “Agora, estou aqui jazendo,/ E lutei, lutei por ti./ Disseram que eu não podia lutar,/ Eu fiz aquilo que podia...”. Na última estrofe, o eu lírico reforça que disseram que era muito jovem para lutar, mas que quem o disse ignora “Que ninguém é jovem demais/ Para doar a vida por ti.../”. A poesia aqui se intensifica quando o eu lírico dirige-se à Palestina não como um território geopolítico, imagem-representação, mas como existência, união de todas as pessoas que lá viveram, vivem e viverão, portanto, imagem-poética.¹⁴

Em “Gaza, terra da poesia” (2022) também encontramos poesia política multiforme, temos um lirismo repleto de metáforas, com “Leite amargo”, de Abuqamar (pp. 13 - 14), acompanhado de um lirismo direto, interrogativo, mas que, em seu todo, alça-nos além da imagem-representação, falo de “Joguinho”, de Almassdar (p. 18).

O título do poema de Abuqamar carrega significações que se entrecruzam com as referências pessoais do leitor a respeito do lexema “leite”. Os primeiros versos sugerem que o eu lírico feminino se dirige ao leitor: “Abra a boca um pouco.../ assim/”. No verso seguinte, Abuqamar “desmetaforiza” a noite – “A noite é como a noite” –, para nos fazer encarar sua empiria, logo depois, por meio de comparações metafóricas, metáforas e personificações vai desvelando a noite acre cuja realidade é realçada e, ao mesmo tempo, não denota apenas o espaço de tempo em que o sol está ausente: a noite é “cinzel que esculpe o desejo num corpo,/ desejo que esculpe o vazio num rosto,/ vazio que esculpe as paredes da aflição./” Essa gradação culmina numa exclamação, seguida por camadas metafóricas que referenciam o mundo empírico imediato e, paralelamente, alçam-nos a uma dimensão poética atemporal tão terrível quanto sublime: “/Meu Deus!/ Meu ventre incha e se arredonda./ Carrego no corpo um míssil de guerra./ Ao que parece esse míssil se alojou durante as núpcias dos cadáveres atrás do rio.” Mais do que tentar “decodificar” a expressão “núpcias dos cadáveres”, talvez deixar a imagem reverberar faça maior justiça a dor que subjaz a ela.

A presença crescente do feminino nesse poema deixa bastante claro o recorte de

¹⁴ Conforme discussão proposta por Octávio Paz em “O arco e a lira” (1982). Nesta obra, o autor diz que o ser humano se reconcilia consigo transformando-se em imagem – cujo sentido está nela mesma.

gênero: “Minha mãe me espera nos ombros da noite./ Domina-a o demônio do medo e ela grita./ O nada me belisca na parte abaixo da cintura./ e entra em mim num armário abandonado.” Que força expressiva e transfiguradora tem o lexema “nada” nesse verso! Mais uma vez a metáfora e a personificação – “me beslica”; “entra em mim” – unem realidade e forma com pungência. A antepenúltima estrofe consolida a imagem poética da guerra atrelada ao masculino e sua potencial virulência: “Sussurro:/ O senhor me fez estéril,/ não darei à luz a existência./ Ele sussurra:/ Não creio no Senhor como creio no coito da Guerra após cada derrota,/ Não vejo o Senhor, vejo cadáveres, sempre.” Na quarta-capa da obra há uma pergunta que volta à mente após a leitura desses versos: “O que nos resta dizer/ exceto que/ a salvação/ é/ uma mentira?” Na penúltima estrofe, descobre-se que aqueles primeiros versos tinham um interlocutor, embora o leitor possa ser duplo da criança poemática: “E você volta./ Criança que esqueceu na boca o mamilo da mãe e fugiu./ Ainda se delicia com o gosto do leite seco.” Na última, a impressão é que a criança, de fato, é o leitor: “Você entende o que significa crescer em seu corpo o legado da derrota, do medo e da fraqueza e a amargura do leite materno”? Cabe a cada um responder a essa pergunta em sua solidão e finitude...

Muna Almassdar, com seu poema “Joguinho”, traz os lexemas “guerra” e “noite”, presentes em “Leite amargo”, de forma direta e questionadora, como se os dois poemas urdissem um diálogo pesaroso repleto de revolta: “Quem apaga a guerra dentro de mim/ e me empresta um pouco de esquecimento?/ Quem redefine minha noite/ e a dor dos rebeldes mais eminentes embaixo dos destroços?” E o eu lírico segue perguntando, como se devolve a vida, a história, a memória, cada detalhe singular do cotidiano dos conterrâneos cujas existências foram ceifadas? Também lança mão da linguagem figurada para realçar a imagem poética da guerra através do lexema “bombardeio”, numa contiguidade semântica que caracteriza a metonímia e nos faz pensar em quem ataca: “Há alguém que se atreva a beliscar minha bochecha?/ diante da falta de sono e da fúria do bombardeio?” Volta a realçar a imagem maior, que congrega todas as outras, concentrando-a semanticamente, condensando-a no lexema “pão”: “Alguém aqui corajoso o bastante/ para amaldiçoar a guerra escondida em nosso pão?”

Após ver imagens factuais de unidades comerciais e residenciais destruídos, certos versos tiram-nos o chão. Um jovem influencer chamado Ahmad¹⁵, em tempo real, desesperado, gravou um vídeo do exato momento em que sua casa foi bombardeada. No poema, surge a pergunta, cujos matizes metafóricos intensificam os sentidos comunicados que nos recordam de cenas como as filmadas por Ahmad: “Alguma janela onde eu reúna as nuvens do fim/ do dia/ e impeça a noite de dar os primeiros passos?/” E finaliza mesclando

15 Trata-se de Ahmad Ghunaim, jovem palestino que, antes do ataque se intensificar em outubro de 2023, tinha uma start-up e gravava vídeos divulgando a cultura e a beleza da Palestina para o mundo, agora, usa seu perfil e canal de transmissão no Instagram e canal do Youtube para denunciar o que está acontecendo e assegurar a seus seguidores de que continua vivo. Vídeo mencionado no ensaio disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cy0KmysggPD/?igsh=MWhqMXV0Y2ZpZ3JrdA==> Acesso em: 18/01/2024.

denotação e conotação de maneira ímpar em seu protesto: “É possível comprar uma língua e um coração tranquilo? Quem sabe assim eu possa falar da carnificina ou apagar, talvez, o fogo da guerra dentro de mim.”

4 | O COLAPSAR DO HORIZONTE CIVILIZATÓRIO: A METÁFORA COMO ESPIRITUALIDADE POSSÍVEL

*Os sentidos caducaram dentro de mim,
minhas palavras estão frágeis, já não vêm à mente,
todas as linhas são miragens, minha tinta teme.*

Fatima Ahmad (2022)

Carlos Felipe Moisés, a respeito da expulsão dos poetas por Platão em “A república”, assevera: “Expulsar o poeta é reconhecer-lhe o poderio”. (2019, p. 39) Ameaçá-lo, prendê-lo, torturá-lo, fazer com que evite escrever no papel e, em vez disso, passe de boca em boca os versos que povoam a sua cabeça, é reconhecer-lhe a imortalidade. As senhoras da terra, as poetas palestinas cujas vozes se presentificaram aqui, tem em cada leitor não só uma testemunha, mas um lugar onde permanecerão, um lar seguro. Lendo-as, não as deixamos sós. A intensidade pura de seus versos nos amplifica, embora não possa nos redimir por tudo que nossa espécie fez e faz contra as diversas formas de vida.

Cecília Meireles ensinou-nos: “A vida só é possível/ reinventada”¹⁶. E os autores e autoras de “Lamentos dos Oprimidos” (1971) e “Gaza, a terra da poesia” (2022) sabem disso melhor do que ninguém. São “poetas combatentes”, são sobreviventes da iniquidade humana. Ademais, mostram-nos a metáfora como espiritualidade possível em tempos de barbárie, quando a própria religião é capitalizada como justificativa para atrocidades que ampliam a distância entre o ser humano que somos e o ser humano que deveríamos ser.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. Trad. Tradução de Júlia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANDRADE, J. **Erotismo e morte nas artes**. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2023.

BORGES, J. L. **Esse ofício do verso**. Trad. De José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CHALITA, M. (org.) **Lamentos dos Oprimidos**. Trad. Nadir Mariano de Campos; Aurélio de Lacerda (Coleção Tempo de Liberdade). [s.l.]: Liga dos Estados Árabes do Brasil, 1971.

¹⁶ Verso do poema “Reinvenção”. Disponível em: <https://desacato.info/reinvencao-poema-de-cecilia-meireles/> Acesso em: 18/01/2024.

KHALIFEH, S. Mulheres árabes: uma emancipação abortada (2015). Disponível em: <https://diplomatieque.org.br/a-armadilha-das-imagens-ocidentais-que-representam-as-mulheres-arabes/>. Acesso em: 16/01/2024.

MOISÉS, C. F. **Poesia para quê?** A função social da poesia e do poeta. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

PAZ, O. **O arco e a lira**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2013.

SISCAR, M. **Poesia e crise**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o Tempo**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

TAYSIR, M. (org.) **Gaza, terra da poesia**. Trad. Grupo de Tradução da Poesia Árabe Contemporânea (GTPAC-USP). Rio de Janeiro: Tabla, 2022.

XYPAS, R. **A leitura subjetiva no ensino de literatura**: apropriação do texto literário pelo sujeito leitor. Olinda, PE: Nova Presença, 2018.